



COMUNICAÇÃO INDIRETA E EXPERIMENTAÇÃO EM *A REPETIÇÃO*

DOI: <https://doi.org/10.4013/con.2022.182.02>

Carlos Eduardo Cavalcanti Alves

Doutorando em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

c.eduardocavalcanti@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8114329665169852>

RESUMO:

Com o objetivo de analisar a busca do pseudônimo Constantin Constantius pela repetição, presente na obra “A Repetição”, escrita pelo pensador dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard, este artigo apresentará a questão da comunicação indireta a partir do subtítulo do livro: “um ensaio em psicologia experimental”. O pseudônimo desenvolve sua reflexão pelo esforço de delineamento do conceito de repetição, bem como pela observação atenta à interioridade e às relações interpessoais e sociais distintivas do ser humano. Para tanto, imagina um jovem a quem não dá nome e que nutre conflitos interiores quanto ao amor por uma moça, pois não se sente capaz de corresponder ao interesse da amada. Constantius assume a tarefa de investigar o âmago dessa experiência, na tentativa de compreender e constatar a repetição na vida e o faz por um duplo empreendimento: voltar-se a si mesmo, seu cotidiano e suas experiências, assim como observar o jovem e seus conflitos interiores. A conclusão proporá que a negatividade do conceito de repetição um indicativo de que o movimento existencial-religioso e a transcendência constituem o âmbito superior de sua manifestação.

PALAVRAS-CHAVE:

Comunicação indireta. Existência. Experimentação. Repetição.

INDIRECT COMMUNICATION AND EXPERIMENTATION IN *REPETITION*

ABSTRACT:

In order to analyze the search for repetition by the pseudonym Constantin Constantius, present in the work *Repetition* written by the Danish thinker Søren Aabye Kierkegaard, this article will present the issue of indirect communication from the subtitle of the book: “a venture in experimenting psychology”. The pseudonym develops his reflection by the effort of outlining the concept of repetition, as well as by the attentive observation of the interiority and the distinctive interpersonal and social relationships of the human being. To do so, he imagines a young man to whom he does not name and who harbors inner conflicts regarding his love for a girl, for he does not feel capable of responding to his beloved's interest. Constantius takes on the task of investigating the core of this experience, in an attempt to understand and verify the repetition in life. And he does so for a double undertaking: to look at himself, his daily life and his experiences, as well as observing the young man and his inner conflicts. The conclusion will propose that the negativity of the concept of repetition is an indication that the existential-religious movement and transcendence constitute the superior scope of its manifestation.

KEYWORDS:

Indirect communication. Existence. Experimentation. Repetition.

1. Introdução

O pseudônimo kierkegaardiano Constantin Constantius, autor de “A Repetição”, narra em primeira pessoa reflexões e experimentos pessoais indagadores da possibilidade da repetição. De acordo com sua intuição, há que se encontrar na existência os seus conteúdos. Tal procura, para ele, começaria por sua própria vida e pelo exame atento do outro, com vistas à compreensão do que caracterizaria a existência como agência da repetição. Para tanto, desenvolve sua busca pelo esforço filosófico de delineamento do conceito¹, bem como pela observação atenta à interioridade e às relações interpessoais e sociais distintivas do ser humano.

Além de perscrutar a própria vida como objeto de investigação, Constantius usa sua imaginação para criar um jovem, a quem não atribui um nome. O rapaz assim concebido escolhe-o como confidente, com o desejo de compartilhar seus conflitos interiores quanto ao amor idealizado por uma moça. Impressionado com a pureza e a sinceridade com as quais ele confessa sua paixão e seu dilema, qual seja, o de não se sentir capaz de se entregar ao interesse correspondido pela amada, o pseudônimo conclui que o jovem fora invadido pela idealidade do amor. Caberia ao próprio Constantius, a partir de suas conclusões a respeito, a tarefa de investigar o âmago dessa experiência e os movimentos interiores e existenciais promovidos pelo rapaz. Dessa forma, a procura por compreender e constatar a repetição na

¹ O termo “conceito” será utilizado com referência ao conjunto de determinadas ideias, incluindo princípios e ações que as compõem. Assim, os conceitos existenciais incluem características distintivas do pertencimento à existência e, portanto, à realidade como se mostra (WILDE, 1980, p. 10-19).

vida, em seus fenômenos e suas relações, torna-se tarefa de dupla característica para o autor: voltar-se a si mesmo, seu cotidiano e suas experiências, assim como observar o jovem e seus conflitos interiores.

Com o objetivo de decifrar como se dá tal busca do pseudônimo pela repetição, primeiramente este artigo apresentará o caráter da comunicação indireta em *A repetição*. Em seguida, delineará os contornos da reflexão filosófica como concebida por Constantius, a partir do subtítulo da obra em questão: “um ensaio em psicologia experimental”². Estas análises evidenciarão o pensamento e a visão de mundo apresentados por este pseudônimo, com vistas a desnudar seu perfil intelectual e seus dilemas existenciais. Nesse sentido, também esclarecerão a questão da possibilidade da repetição segundo a abordagem do pseudônimo, a compreensão deste sobre este conceito, suas experiências a propósito e o sentido que confere à existência a partir destas. A conclusão proporá uma resposta à reflexão de Constantius, considerando-se suas observações quanto à negatividade do conceito de repetição.

2. Comunicação indireta

A repetição é uma obra estética, nas palavras do próprio Kierkegaard. Trata-se de um viés literário que se utiliza da comunicação indireta e oferece conteúdo não cristão, parte de sua estratégia para persuadir cidadãos dinamarqueses iludidos da autenticidade de um cristianismo cultural, fomentado pelo reconhecimento destes como cristãos pelo Estado e pela Igreja oficial. Ao comentar sobre sua autoria estética, assim se expressa o pensador dinamarquês:

Não, uma ilusão nunca é dissipada directamente, só se destrói radicalmente de uma maneira indirecta. Se todos estão na ilusão, dizendo-se cristãos, e se é necessário trabalhar contra isso, esta noção deve ser dirigida indirectamente, e não por um homem que proclama bem alto que é um cristão extraordinário, mas por um homem que, mais bem informado, declara que não é cristão (KIERKEGAARD, 2002, p. 43).

Segundo o autor, os cristãos de sua época, dentre os quais se ambienta para enfatizar o problema por ele colocado, não viviam em categorias religiosas. Muito menos as relacionadas ao cristianismo que considerava autêntico, a saber, o que remete à relação preocupada com Deus e interessada nas Escrituras. Diferentemente, tais cidadãos estavam com suas vidas enredadas por categorias estéticas ou, quando muito, estético-éticas. Não obstante, a preocupação de Kierkegaard não foi a de elaborar uma teoria sobre

² Segundo Justo (2009, p. 28), a propósito do subtítulo: “Como é fácil de entender, a designação de “psicologia experimental” não indica uma disciplina científica e respectiva metodologia cujo surgimento é bastante mais tardio. A expressão “experimenterende Psychologi” poderia porventura ser traduzida por “psicologia experimentante”, se desse modo fosse possível dar a ver o carácter não disciplinar do empreendimento kierkegaardiano.”

a religião ou o próprio cristianismo, mas tocar em questões universais a propósito, elegendo como ponto de partida a análise da manifestação cristã de seu tempo.

Forma e conteúdo estão estreitamente ligados na comunicação kierkegaardiana. Por isso, sua produção literária estética e o uso de pseudônimos estão intimamente relacionados a sua crítica à religião cristã de sua época. Consequentemente, se seus contemporâneos viviam em categorias estéticas, como o belo, o interessante, entre outras, devia-se começar por onde estão: falar justamente do estético para poder revelá-lo como contraposto ao genuinamente religioso (KIERKEGAARD, 2002, p. 43; ROOS, 2011, p. 1-5).

A pseudonímia kierkegaardiana tem por objetivo colocar-se como uma representação vivaz da existência³, com autores fictícios que representam diversos âmbitos existenciais ao se apresentarem como um “espelho” ao leitor, conferindo-lhe a oportunidade de se confrontar consigo mesmo. Por isso, os pseudônimos possuem personalidade e características próprias, são individualidades que não somente pensam sobre a existência, mas que também transferem ao leitor a tarefa de se aprofundar em questões existenciais fundamentais (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 71-83).

Nesse sentido, o pseudônimo Constantius leva a efeito o papel de se comunicar com o leitor de forma indireta, para estabelecer as áreas limítrofes de suas interioridades. A comunicação tradicional é anulada a fim de que o autor escreva como um existente para leitores existentes, em vez de assumir o lugar de um recitador a estimular outros recitadores. E esse é o método que Constantius utiliza: o experimento psicológico que “reforça o abismo aberto entre o leitor e o autor, estabelece a separação da interioridade entre eles, de modo que a comunicação direta ficou impossibilitada” (KIERKEGAARD, 2013, p. 278).

O subtítulo de *A repetição* traz a expressão “um ensaio em psicologia experimental”, que deve ser entendida à luz do que propõe Kierkegaard através de seu pseudônimo. Pode-se compreender esta frase a partir do conteúdo da obra, não como temática principal que a norteia. Sendo assim, a psicologia mencionada remete a seu sentido etimológico: refere-se ao trabalho filosófico relacionado às questões da alma humana, especificamente quanto a manifestações existenciais e modos de ação. Seu caráter experimental é atividade analítica alheia, assim, a qualquer pretensão de sistematização. A opção pela tradução literal do subtítulo para o português ressalta o caráter de experimento do empreendimento de Constantius e, portanto, evita o risco de anacronismos conceituais – pois não se trata de disciplina

³ Nesse sentido, existência para Kierkegaard é a qualidade de existir possuída pelo indivíduo, em dinamarquês *existens*. Quando se fere ao existir individual, singular, próprio e distintivo do de outros indivíduos, a palavra empregada pelo pensador dinamarquês é *tilværelse* (JUSTO, 2009, p. 74).

científica –, além de evidenciar o objetivo de Kierkegaard na obra, qual seja, de maneira ficcional propor uma construção de sentido da repetição a partir da narrativa da vida dos personagens e do próprio conceito a ser procurado (JUSTO, 2009, p. 28)⁴.

Ademais, pode-se identificar que o experimento estabelece relações do autor em dois níveis: com seus personagens e seus leitores. No primeiro nível, a construção imaginária dos personagens é meio para Constantius projetar possibilidades existenciais com o objetivo de esclarecer o significado da repetição. Há, por isso, uma tentativa de elaborar uma concepção filosoficamente precisa desse novo conceito a ser compreendido. O segundo nível está implícito na afirmação de que os heréticos não entenderão, extraída do pai da Igreja Clemente de Alexandria (KIERKEGAARD, 2009, p. 135), possível sugestão de que a apropriação do conteúdo se dá na relação experimental do leitor com o texto. A comunicação do primeiro nível torna-se, então, indireta e propícia à apreensão pelo receptor da mensagem (ERIKSEN, 2000, p. 19-20).

3. O experimento psicológico

A observação de Constantius sugere que seu experimento remete à psicologia experimental que começara a se desenvolver no século XIX, que consistia, segundo Edna Hong e Howard Hong (1983), em caracterização da natureza definidora das capacidades distintivas do ser humano; em outras palavras, antropologia filosófica. No escopo geral do *corpus* literário kierkegaardiano, entretanto, sua psicologia vai além: é uma construção sobre o ser humano e as decorrentes implicações para sua visão de mundo, portanto uma filosofia do humano *in concreto* associada aos estágios descritivos da realização das possibilidades humanas, não a uma análise empírica do comportamento.

Além disso, segundo Tang (2002, p. 95-104) o subtítulo consiste em uma provocação à forma de se fazer psicologia herdada pela época de Kierkegaard. No pensamento vigente nas primeiras décadas do século XIX, somente a experiência poderia garantir a confiabilidade do conhecimento, através de duas abordagens: observação e experimento. Enquanto a observação relacionar-se-ia ao objeto existente, a experimentação criaria o seu, ou partes dele, num trabalho subjetivo de intervenção performativa do observador, isto é, de interpretação originada na apreensão do que se observa. Esta laboração requer repetições, pois que operações experimentais somente são confiáveis quando repetíveis. Entretanto, por

⁴ O tradutor português José Miranda Justo interpreta o subtítulo pela analogia com o experimentalismo artístico da segunda metade do século XX. Diferentemente propõe o casal Hong, ao traduzi-lo por “*a venture in experimenting psychology*”, em tradução nossa “um empreendimento em psicologia experimental”, no sentido de que a psicologia de Kierkegaard remete ao exercício imaginativo de Constantius: o de “construir imaginativamente” ou “moldar imaginativamente, de um modo experiencial” (Hong; Hong, 1983).

ser o experimento psicológico interação especificamente entre sujeitos, é inteiramente determinado pelo observador e impõe a necessidade de se superar a intervenção performativa e as consequências éticas envolvidas. Isto posto, pode-se inferir que o experimento de Constantius propõe uma refutação e, ao mesmo tempo, coloca-se como alternativa à intervenção do observador e à indiferença ética típicas da psicologia experimental do início do século XIX:

Para resolver o problema da interferência subjetiva, ele [Constantius] altera seu foco da subjetividade do observador para a situação existencial do observado. Como consequência, o problema ético de colocar alguém à prova é dissolvido na experiência religiosa de ser posto à prova⁵ (TANG, 2002, p. 107; tradução nossa).

Constantius, assim, resolve a questão da subjetividade do observador voltando-se à existência⁶ do jovem e, a partir da experiência religiosa da provação divina tipificada pelo personagem bíblico Job, resolve a questão ética do experimento realizado com um ser humano.

Em *A repetição*, conseqüentemente, o experimento desenvolvido por Constantius é definido como observação do outro enquanto existente, em suas manifestações através de movimentos existenciais e ações. O pseudônimo afirma que sua forma de o empreender foi “aproximando-se de um jovem imaginário durante um ano, fazendo-se dele confidente após encontros triviais e, ao fim, induzindo-o a expor seus sentimentos, em especial sua melancolia. Em sincera confiança, o jovem declara a ele estar apaixonado e ser correspondido por uma moça, momento em que Constantius mostra-se um atento e interessado observador:

Diga-se o que se quiser, um jovem profundamente apaixonado é algo de tão belo que ao pormos nele os olhos esquecemo-nos da observação por força da alegria que tal visão nos dá. Em geral todas as emoções humanas profundas desarmam no homem o observador que nele possa haver [...]. O jovem de quem falo estava tomado de um amor profundo e sincero e belo e humilde; há muito tempo que não me sentia tão contente como ao olhar agora para ele; porque muitas vezes é bastante triste ser-se observador; é algo que nos torna melancólicos como se fôssemos polícias; e quando um observador cumpre bem a sua função haverá de ser encarado como um espião da polícia que presta altos serviços; porque a arte do observador é expor o que está escondido (KIERKEGAARD, 2009, p. 35).

Como observador, não obstante seu inevitável envolvimento com o objeto de seu experimento, Constantius diagnostica o resultado da manifestação da melancolia no jovem em sua relação recém iniciada com uma moça: “Ora, se se trata realmente de um melancólico, como haveria de ser possível que a sua alma não se ocupasse melancolicamente daquilo que para ele se tornou a mais importante de todas

⁵ “To solve the problem of subjective interference, he shifts his focus from the observer's subjectivity to the existential situation of the observed. As a consequence, the ethical problem of putting somebody to the test is dissolved into the religious experience of being put to the test.”

⁶ Em dinamarquês, *tilværelse*.

as coisas” (KIERKEGAARD, 2009, p. 37). Ao contrário do que entende o senso comum, para o pseudônimo uma paixão não é antídoto para a melancolia, antes sempre será permeada por esta. Por isso, conclui que o amor de poucos dias se tornara recordação, sendo levado a termo pelo próprio jovem e envelhecido pelas lágrimas de alguém agora incapacitado de amar. Tal condição de amor tão somente despertava nele o poético, aprisionando-o à amada enquanto seu ideal.

O envolvimento de Constantius com o objeto de sua observação faz jus ao aspecto crítico citado a propósito do experimento psicológico kierkegaardiano na obra: trata-se também de uma crítica ao puro objetivismo científico, pois pressupõe que o envolvimento do sujeito permite uma condição adequada para o conhecimento. A pretensão do pseudônimo de conhecer o caráter do amor nutrido pelo jovem requer uma abstração consciente da importância de se partir das circunstâncias concretas que envolvem o indivíduo. Dessa forma, a frustração amorosa exerce uma influência peculiar sobre o objeto da investigação, considerando-se a especificidade das condições existenciais do personagem do jovem e a sutileza da observação progride proporcionalmente ao envolvimento pessoal do observador, de seu interesse. Essa relação com a vida evidencia que toda compreensão é autocompreensão. Por isso, a objetividade é trivial ou ilusória, uma vez que são as paixões que conferem perspectiva e validade ao conhecimento, haja vista se tratar de uma análise ativa. Se o observador não compreende a si mesmo, entenderá o mundo ao seu redor como uma projeção irreflexiva de suas próprias características. Sua compreensão depende continuamente da relação com a própria subjetividade (NORDENTOFT, 1978, p. 2-5).

Constantius afirma, conseqüentemente, que se deteve na concretude do arroubo poético do jovem em detrimento de uma simples observação comportamental – embriagado pela recordação, os versos poéticos que o rapaz citava acobertava seu conflito interior. Tal sensibilidade do autor confere percepções para além da pretensão de objetividade da observação:

A concentração do pressentimento nunca é esquecida. Pelo menos creio que é esta a constituição que deve ter um observador, mas se for assim constituído também sofrerá muito. O primeiro momento terá de o subjugar quase até ao desfalecimento, mas, enquanto assim empalidece, a ideia fecundou-o, e a partir daí ele está em relação de descoberta com a realidade⁷ (KIERKEGAARD, 2009, p. 48).

Tal condição presta-se, inclusive, para a compreensão de resistências e limitações do observado, como trata ironicamente Constantius. Ao ser considerado estranho e possível perturbado mental pelo

⁷ No original: *Virkeligheden* (KIERKEGAARD, 1990, p. 687). O idioma dinamarquês tem duas palavras para expressar a ideia de realidade: *Virkelighed* e *Realitet*. A primeira tem o significado de efetividade, “realidade efetiva”; a segunda refere-se à realidade do pensamento, do conceito, da crença, como quando se fala, por exemplo, da realidade do amor.

jovem, após aconselhá-lo a dissimular outra relação em vez de romper diretamente com a moça, firma-se na posição de observador e avalia a declaração:

Bem! um observador tem de estar preparado para coisas destas. Tem de saber ser capaz de oferecer àquele que se confessa uma pequena garantia. Uma rapariga que se confessa exige sempre uma garantia positiva, um homem exige uma garantia negativa; isto resulta da entrega e humildade femininas e do orgulho e obstinação masculinos [...]. Pois bem, que assim seja; dos homens nada exijo a não ser o conteúdo da sua consciência (KIERKEGAARD, 2009, p. 87-88).

O jovem deixa a amada ao se afastar abruptamente, sem seguir os conselhos de seu confidente. Distancia-se deste também, com a proposta de enviar-lhe cartas que não deveriam ser respondidas. Não obstante o impedimento de interagir com o jovem objeto de sua observação, Constantius continua seu experimento e afirma que a importância da moça ocorre apenas por sua presença na relação com o jovem, pois para este ela não é uma realidade. Nota que a melancolia desenvolvida pelo rapaz possivelmente o enganara, despertando uma reação simpática que ele equivocadamente identificou como amor (KIERKEGAARD, 2009, p. 90-91).

A agudeza do experimento de Constantius é ratificada sob outra perspectiva, a do pseudônimo Johannes Climacus, que o avalia como um observador sensato e irônico, características de que carecia o jovem. E completa:

Comumente imagina-se isso de outro modo, que o experimentador, o observador, seja superior, ou se situe acima do que o que ele produz. Daí a facilidade em prover resultados. Aqui é o contrário; o sujeito do experimento descobre e demonstra o mais alto, mais alto não no sentido de entendimento e pensamento, mas no sentido da interioridade (KIERKEGAARD, 2013, p. 305).

Constantius reconhece que o jovem possuía a interioridade que lhe faltava, a abertura a uma nova imediaticidade, capaz de ir além da estética sem qualquer necessidade de mediação do pensamento e da reflexão características da elaboração racional promovida pelo pseudônimo. Assim, a peculiaridade que há no experimento repousa em quem é observado – o jovem imaginado, condição explicitada no fim da obra:

O jovem que eu criei é poeta. Mais não posso fazer; porque no máximo posso imaginar um poeta e engendrará-lo com o meu pensamento; pessoalmente não sou capaz de me transformar em poeta, já que aliás o meu interesse reside em outra coisa. A minha tarefa ocupou-me de modo puramente estético e psicológico (KIERKEGAARD, 2009, p. 138).

Como visto, uma vez que a psicologia de Constantius utiliza-se de situações existenciais imaginativamente descritas sobre a realização das possibilidades humanas, não se trata de descrição empírica do comportamento. Para ele, imaginação e sentimento não são inferiores ao pensamento, mas

coordenados com este. Em uma carta não enviada ao intelectual dinamarquês Heiberg⁸, o pseudônimo finaliza sua argumentação ao afirmar que a repetição do espírito livre do indivíduo, na pessoa do jovem, foi o objeto do empreendimento levado adiante. Dessa forma, o verdadeiro domínio do espírito é o do indivíduo, haja vista a repetição não emergir fora deste como fenômeno da natureza ou quando o indivíduo é essencialmente despreocupado com o essencial, sendo apenas sensível ao passar do tempo. Este é o caráter considerado da repetição: individual e interior, fundamental em sua experimentação psicológica e que guarda uma enigmática transcendência (HONG; HONG, 1983, p. 305-306, 312, 359-361).

Conclusão

A pseudonímia kierkegaardiana, a serviço da eficácia da comunicação indireta, visava ao leitor inserido no que Kierkegaard denominou “cristianismo cultural”. Utilizando-se de categorias estéticas e reflexões filosóficas com as quais os cristãos de então estavam habituados, segundo o próprio pensador dinamarquês obras foram compostas com o objetivo de contrastar aquelas com categorias religiosas cristãs fundamentais, no seu entendimento.

Constantius, assim, é um dos pseudônimos utilizados para apresentar na forma de comunicação indireta o conceito de repetição. Através de sua psicologia experimental, propõe-se a pensar e investigar a repetição a partir da filosofia e, mais significativamente, da própria existência e a do jovem que imaginara. Tal experimento pretendia analisar a factibilidade da repetição na prática concreta do existente. Sendo assim, a experimentação psicológica reconhecidamente constituía-se na observação do espírito livre e da interioridade de seu objeto, o jovem.

Conclui o próprio pseudônimo, assim, não ser possível a repetição, exceto se se é capaz de fazer um movimento religioso e transcender-se, condições que assumidamente não possuía. Em outras palavras, deve-se mover para além das condições da existência para se adquirir a capacidade de responder ao mundo com uma consciência que, em liberdade, há de realizar a repetição como transcendência. Por isso, novamente Constantius volta-se ao jovem para, através da observação, verificar se seus movimentos existenciais dali em diante o levariam a experimentar a repetição. O significado de sua conclusão,

⁸ Johan Ludvig Heiberg (1791-1860), filósofo, poeta e dramaturgo, proeminente contemporâneo de Kierkegaard, criticou na publicação *Det astronomiske Aar* a obra *A repetição*, pela falta de distinção entre os fenômenos que se repetem na natureza e no espírito. Kierkegaard não publicou a resposta de Constantius, que veio a ser divulgada postumamente (SOUSA, 2009, p. 129; 2018, p. 60).

contudo, vai além do escopo deste artigo, pois envolve o exame detalhado da parte final de *A repetição* e do pensamento mais amplo de Kierkegaard, presente em outras obras de sua autoria.

Referências

- ALMEIDA, Jorge M.; VALLS, Álvaro Luiz M. **Kierkegaard** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ERIKSEN, Niels Nymann. **Kierkegaard's category of repetition: a reconstruction**. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2000.
- HONG, Edna H.; HONG, Howard V. Edição, tradução, introdução e notas. In: KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Fear and trembling, Repetition**. New Jersey: Princeton, 1983.
- JUSTO, José Miranda. Introdução e notas. In: KIERKEGAARD, Søren Aabye. **A repetição**. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.
- KIERKEGAARD, Søren Aabye. **A repetição**. Tradução, introdução e notas de José Miranda Justo. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.
- _____. **Ponto de vista explicativo de minha obra como autor**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002.
- _____. **Pós-escrito às Migalhas filosóficas**. Tradução de Álvaro Luiz M. Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2013, v. I.
- _____. **Søren Kierkegaard: Samlede Værker**. København: Gyldendal, 1990.
- NORDENTOFT, Kresten. **Kierkegaard's psychology**. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1978.
- ROOS, Jonas. Religião e estilo literário na obra de Kierkegaard. In: SPERBER, Suzi. (org.). **Presença do sagrado na literatura: questões teóricas e de hermenêutica**. Campinas: Publiel, v. 4, p. 55-65, 2011.
- SOUSA, Elisabete M. Introdução e notas. In: KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Prefácios**. Lisboa: Relógio D'Água, 2018.
- _____. Introdução e notas. In: KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Temor e tremor**. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.
- TANG, Chenxi. Repetition and Nineteenth-Century Experimental Psychology. In: CAPPELØRN, Niels Jørgen (ed.), *et al.* **Kierkegaard Studies Yearbook**. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2002.
- WILDE, Fr. E. Category. In: THULSTRUP, Marie N. **Concepts and alternatives in Kierkegaard**. Copenhagen: C. A. Reitzels Boghandel, 1980.

Recebido em: 11/04/2022

Aceito em: 18/05/2022